



brígida

baltar

irmãos

galeria

nara

roesler



vista da exposição -- galeria nara roesler | rio de janeiro -- 2016









**autorretrato**, 2016  
bordado sobre tecido -- 38 x 37 cm

**a quimera das plantas [o shimeji e a cebola roxa]**, 2016  
bordado sobre tecido -- 60 x 41 cm

imagem da capa:  
**irmãos**, 2016  
philodendron bipinatifidum e philodendron  
hederaceum em bronze -- ed. 1/2 + PA -- 31 x 10 x 5 cm



os hematomas, 2016  
bordado -- 74 x 42 cm





**os hematomas e as petéquias**, 2016  
bordado -- 73,5 x 77,5 cm

## irmãos - brígida baltar paola santoscoy

Provavelmente um dos seres mitológicos mais representados e mais atraentes por suas possibilidades de representação seja a quimera. A mitologia grega a descreve como um animal fabuloso, um monstro híbrido com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão. Porém as interpretações são muitas, e a noção de hibridização abarca todas as espécies ou variedades de organismos.

Este novo conjunto de obras de Brígida Baltar possui uma relação com esta ideia, por meio da apropriação que a medicina faz deste termo para dar nome a um exame de compatibilidade relacionado com transplantes. Em 2015, a artista precisou passar por um transplante de medula óssea, no qual se submeteu ao estudo chamado quimerismo, o qual daria como resultado a compatibilidade com seu irmão doador. Baltar se apropria do mito para de maneira pessoal criar uma série de bordados e esculturas de espécies híbridas de vegetação, abstrações orgânicas criadas a partir de experiências vividas na própria carne durante sua enfermidade e recuperação, e convertidas em metáforas e em forma, assim como autorretratos que falam de uma constante transformação / alteração / mutação / renovação. Irmãos se constrói a partir deste lugar de combinações fraternais belas e bizarras, frágeis em suas probabilidades de sobrevivência e sumamente potentes em suas possibilidades infinitas de vida.

Para falar desses trabalhos gostaria de compartilhar duas reflexões:

### 1. Do imaterial ao material

Muito do trabalho realizado por Baltar nos últimos vinte anos se origina em sua emblemática peça *Abrigo* (1996), na qual documenta a ação de cavar um buraco da medida de seu corpo na parede de sua, até então, casa e lugar de trabalho. Algum tempo e algumas outras intervenções depois recupera os restos de tijolos para transformá-los em pó e reutilizá-los de maneiras variadas: desde desenhar, até reconstruir miniaturas de tijolos ou traçar desenhos de pisos domésticos em espaços de exibição. Derivado do uso do pó talvez tenha surgido seu interesse pelo imaterial, provocando-a na exploração de meios efêmeros como o orvalho e a neblina: *A coleta de neblina* e *A coleta de maresia* (1998/2005). Na utilização desses materiais a artista encontrou formas de articular emoções de fatos íntimos, registrar histórias invisíveis e conformar a arquitetura da natureza e o espaço que a rodeiam.

Há nesta exposição uma série de esculturas em bronze que são hibridizações entre duas plantas, em ocasiões iguais, em ocasiões distintas: Imbé e mangue-da-praia ou Imbé e imbé (2016) por exemplo. O tamanho dessas peças nos remete ao das plantas na natureza, no entanto seu peso não. A leveza das folhas é substituída pelo peso do metal. Confesso que senti vontade de tocá-las, de medir minhas palmas e meus pés com essas esculturas; sentir sua temperatura. E também confesso que pela minha mente passaram perguntas mais anatômicas relacionadas com o peso e a temperatura de nossos órgãos.

Esses experimentos (imaginários) de hibridização nas plantas também se manifestam em coloridos bordados em tecidos que apontam, entre outras coisas, a processos de mestiçagem cultural e colonização. Enquanto a exuberância da vegetação localiza essas imagens dentro do imaginário tropical.

### 2. Da arquitetura do corpo à arquitetura dos corpos

Voltando de novo a peças anteriores de Baltar, *Pó e Imagem* (2010) é uma peça formada por réplicas em miniatura das montanhas costeiras que contornam sua cidade natal, Rio de Janeiro, e que se colocam à altura da vista, de tal modo que a paisagem circundante se converte em parte da obra. Geografia sobre geografia. Essas pequeníssimas montanhas são feitas com o mesmo pó dos tijolos de sua antiga casa. Pó que resultou do ato de esculpir seu corpo na arquitetura. Em *Irmãos*, essas geografias se transformam em carne. Uma série de tecidos intitulados como afecções da pele: *A afta*, *O hematoma*,

*As petéquias* (2016), penduradas frente ao expectador como belas composições de forma e cor, confrontando-nos com a crueza de afecções mais profundas. As mudanças de escalas nos tecidos também são um elemento importante que torna ainda mais evidente sua relação com o corpo por um lado, e por outro a relação que mantêm com o ornamento.

Por último, a série *Autorretrato com pelos* (2016) é provavelmente a que mais diretamente faz referência aos irmãos cujos corpos se transformaram, mas também é a peça que mais tem potencial político, a meu ver. Bordada sobre lenços de tecido, de tal modo que o íntimo que tem o bordado como técnica se funde com uma peça que também é muito íntima, e tradicionalmente masculina. A obra de Baltar até este momento poderia reconhecer-se como feminina em muitos aspectos. No entanto, a hibridização aqui não aparece unicamente como “um e outro”, mas sim como um “mais além”, um “trans”, um transgênero me aventuro a dizer, do qual participam não apenas corpos e plantas por igual.

### sobre Paola antoscoy

Paola Santoscoy (n. 1974, México) é licenciada em História da Arte pela Universidade Iberoamericana da Cidade do México, e tem mestrado em Estudos Visuais pela California College of the Arts, San Francisco. Atualmente é diretora do Museu Experimental Eco na Cidade do México. Em 2011 atuou como curadora assistente da 8a Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil. E em 2010 como curadora da exposição A Natureza das Coisas, que fez parte da 1a Bienal das Américas, em Denver, Estados Unidos. Trabalhou como curadora em diferentes espaços de exposição na Cidade do México: La Panadería (2000 - 2001), Museu de Arte Carrillo Gil (2001 - 2003) e o Museu Tamayo Arte Contemporânea (2004 - 2007); e também como curadora independente. Colabora regularmente como publicações de arte contemporânea.

### sobre Brígida Baltar

Brígida Baltar (n. 1959, Rio de Janeiro) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque, Rio de Janeiro, Brasil. Baltar começou a desenvolver seu trabalho na década de 1990, através de pequenos gestos poéticos que ocorreram em torno de sua casa e estúdio. Participações em bienais incluem: a 25ª Bienal de São Paulo (2002); 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); The nature of things - Biennial of the Americas, Denver, USA (2010); Panorama de arte brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Exposições internacionais selecionadas incluem: Cruzamentos: Contemporary art in Brazil, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014); SAM Art Project, Paris, França (2012); The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America, Middlesbrough Institute of Modern Art, Inglaterra (2011); Museu de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, (2012) e Constructing views: experimental film and video from Brazil, New Museum, New York, EUA (2010). Seus trabalhos fazem parte de diversas coleções, incluindo: Colección Isabel y Agustín Coppel, Mexico D.F., México; Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

